

Lemgruber viaja para reiniciar as conversações com os bancos

por Maria Clara R.M. do Prado
de Brasília

O presidente do Banco Central, Antônio Carlos Lemgruber, e o seu diretor para a Área Externa, Carlos Eduardo de Freitas, estão com viagem confirmada rumo a Nova York, nessa próxima segunda-feira. Levam em sua bagagem alguns pontos que serão colocados diante do comitê assessor da dívida externa brasileira, embora de modo ainda informal, mas que representam um avanço sobre as conversas desenvidadas com os credores nos contatos anteriores.

O processo de "sondagens" junto ao comitê vai introduzir desta vez a discussão em torno de uma questão que passou a ser considerada como fundamental pelo governo: a do "re-lending". Este mecanismo, que constou dos termos negociados nas fases I e II do esquema de renegociação da dívida externa, prevê o reemprestímo dos recursos internalizados no Banco Central (como resultado de entrada de dinheiro

novo ou de retenção de amortizações) a tomadores finais — na grande maioria, representados pelo setor público —, a partir de entendimentos com os detentores destas contas, que são, em resumo, os próprios bancos internacionais credores.

O ponto passou a ser colocado como de extrema importância primeiramente pela Secretaria do Planejamento da Presidência da República (Seplan), preocupada com os repasses em prazos considerados extremamente curtos no acordo plurianual apresentado pelo governo anterior. Isto possibilita maior velocidade no processo de remunerações adicionais recebidas pelos bancos internacionais (que cobram juros e comissões sobre os recursos reemprestados), além de funcionar como uma pomposa fonte de recursos para a tomada de empréstimos da parte do setor público.

As questões do monitoramento do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da inclusão ou não de alguma

cláusula que faça referência à eventual necessidade de dinheiro novo não deixarão de constar da pauta de discussões.

O presidente do BC e Carlos Eduardo de Freitas vão explicar aos credores o pacote fiscal. Apresentam, também, os últimos dados das contas externas. Hoje, as reservas do País fecham em US\$ 8,499 bilhões. Freitas estima, no entanto, que elas poderão recuar aos US\$ 8,2 bilhões nos próximos dias, devido ao pagamento de juros.

RETORNO

O encontro, no entanto, será rápido e não se prevê nenhum tipo de contato do presidente do BC com o "staff" do FMI ou mesmo com a administração do Federal Reserve Board (o banco central dos Estados Unidos). O retorno de Lemgruber ao País está previsto para a noite de terça-feira, a tempo de participar da próxima reunião de diretoria do Banco Central, que se realizará na quarta-feira.

O diretor da Área Exter-

na, descartou ontem para este jornal qualquer intenção no sentido de tentar prorrogar por mais noventa dias a vigência da fase II da renegociação, principalmente no que se refere à manutenção das linhas de empréstimos de curto prazo — interbancário e crédito de comercialização. "Temos ainda algum tempo pela frente e aguardamos a aceleração dos entendimentos com o FMI", explicou Freitas, que poderá ficar nos Estados Unidos um dia a mais além de Lemgruber.

De qualquer modo, o diretor do BC acenou com um importante passo a nível interno: "O processo de articulação entre as diversas esferas econômicas dentro do governo já foi iniciado, de modo que, do trabalho conjunto, resulte uma proposta formal a ser levada à apreciação dos credores assim que as negociações forem oficialmente reabertas". Ele terá ao seu lado, nesta viagem, o chefe do Departamento de Câmbio do Banco Central, Gilberto Nobre.